1

As construções de falsa cúpula e os brandeiros de Santo António de Vale de Poldros e Aveleira

Antero Leite ACER – Associação Cultural e de Estudos Regionais

A zona norte-ocidental da serra da Peneda constitui uma sub-unidade biogeográfica de importância relevante. O seu território é parte do Maciço Hespérico, ou Maciço Antigo, de cuja tectónica herdou a sua configuração morfológica. Foram os intensos movimentos tardi-hercínicos (entre 310 e 210 milhões de anos) que explicam a génese dos enrugamentos e a constituição geológica da região (Coudé Gaussen, 1981). Deles resultaram elevações montanhosas possuindo alguns escarpados e cimos penhascosos.

O SÍTIO

As principais cotas situam-se em Giestoso (1335 m), Gontim (1203 m), Picos (1255 m), Fojo (1289 m), Outeiro Alvo (1314 m) e Penameda (1268 m). Vales profundos (os dos rios Mouro, Trancoso e Laboreiro) seguem as linhas de fractura e as zonas de aplanamento situam-se a mais de 1000 m de altitude enquanto outras se estabeleceram a vários níveis inferiores (figs. 1 e 2).

Sob o ponto de vista geológico, a zona apresenta uma extensa mancha de "granito de duas micas" (ou "granito do Soajo"), de grão médio ou grosseiro que se estende até às margens do rio Minho. Outra mancha – a do "granito do Gerês" (porfiróide, com megacristais de feldspato alcalino predominando a biotite) surge entre a Bouça dos Homens e Castro Laboreiro (idem, ibidem: 64). Estas duas manchas principais são intercaladas por formações em banda de xistos pelíticos e quartzosos (Carta Geológica de Portugal, Folha 1B).

O fenómeno glaciário na Peneda foi objecto de um estudo por Geneviéve Coudé-Gaussen que o datou do Quaternário (Wurm III), com duração compreendida entre 57 000-30 000 anos. Sustentou a existência, no Vale da Ribeira de Muadoira (fig. 5), de uma zona de acumulação morénica comprovada pela presença de blocos de rocha arredondados que teriam sido transportados por língua glaciar, cuja origem, aquela investigadora, supõe ter sido o alvéolo da Bouça dos Homens (Coudé-Gaussen, 1981).

Na Cabeceira do Vale do Vez a sua antiga glaciação prova-se pelo perfil em "U" alargado, existência de moreias laterais, penedos aborregados e blocos graníticos erráticos sobre solo de xisto (afloramentos na zona da confluência do rio da Aveleira com o rio Vez, na encosta de S.ª da Guia, nas proximidades da capela da S.ª da Guia) (Ramos e Moreira, 2001).

A Peneda é atravessada por uma intrincada rede de corgas e regatos, que alimentam os rios Trancoso, Laboreiro e Mouro e estes, por sua vez, são tributários do Minho. Definem vales com denso coberto vegetal e arbóreo contrastando, pela cor, no cinzento da penedia envolvente. Aqui, agarradas às margens, encontram-se tufos de vegetação onde desponta a grinalda-de-noiva (*Spirae hypericifolia, L*) entremeando o salgueiro-anão (*Salix repens, L*) e o vidoeiro (*Betula pubescens*).

Constituem espaços de abrigo para numerosa fauna ornitológica. As linhas de água permitiram ainda a ocupação humana e a transformação do solo em terrenos cultivados (lameiros, barbeitos e socalcos). Uma elevada pluviosidade (superior a 3000 mm em alguns sítios) a acrescer ao degelo da Primavera contribui para o engrossamento dos caudais.

Do primitivo revestimento florestal subsistem manchas de carvalho negral (*Quercus pyrenaica*) em zonas de grande altitude (entre os 1200 e os 1400 m) protegidas da intrusão humana por dificuldades no acesso e condicionantes legais. O carvalho alvarinho (*Quercus*

1 | *A serra da Peneda.*

2 | *O vale do rio Mouro.*

2

3

3 | *Abrotea.*

4 | *Vale da Muadoira.*

5 | *A mata de vidoeiros de Lamas de Mouro.*

6 | *Espaço agrário.*

4

5

robur, L) é relativamente mais abundante em zonas abrigadas de altitude média. Coníferas ocupam espaços altos sendo de destacar a mata de vidoeiros em Lamas de Mouro (fig. 4). O bordo comum, ou padreiro (*Acer campestre, L*) e o *Acer pseudoplatanus, L* encontram-se nos sítios ensolarados e abertos mergulhando as suas raízes em terrenos humosos. Já o teixo (*Taxus baccata, L*) é mais raro e os poucos exemplares ainda sobreviventes podem ver-se com maior frequência a sul de Castro Laboreiro.

A área florestada da Peneda é, hoje, diminuta em relação ao conjunto do território. A sua evolução foi, no passado, influenciada pela utilização das madeiras e hoje a ocorrência de fogos constitui o principal factor do desaparecimento dos bosques. Os matos resultantes ocupam cada vez maior superfície embora se lhes reconheça valor ecológico pelas espécies florística e faunística que encerram.

Nos matos de média e baixa altitude e entre os tojais emerge o tojo molar (*Ulex minor, R*), o tojo bravo ou arnal (*Ulex europaeus, L*). Nos urzais abunda a torga (*Erica Umbellata, L*) e a queiró (*Calluna vulgaris, L*).

Nas terras altas, a cobertura rasteira é valorizada pela ocorrência do zimbro-anão (*Juniperus communis, L*), da urze vermelha (*Erica australis, L*) e em determinadas áreas mais restritas surge a margariça (*Erica tetralix, L*) e a *Drosera rotundifolia*. A abrótea (fig. 3), uma espécie endémica, surge nas zonas planálticas. Segundo o investigador João Gonçalves da Costa, “as plantas da Aveleira distribuem-se em substracto arbóreo, arbustivo e herbáceo”.

No substracto arbóreo incluem-se a Aveleira, Azevinheiro, Bidoeiro, Carvalho, Castanheiro, Cedro de Oregão (restos de florestação), Freixo (nas linhas de água), Medronheiros, Pinheiros (alguns restos dos fogos), Pseudotsuga (restos da florestação), Salgueiros (nas linhas de água).

No substracto arbustivo encontram-se o Arando (*Vaccinium myrtillus L.*), a Daboécia, o Espinheiro (*Crataegus monogyna Jacq.*), Giestas (várias espécies), Murta (*Myrtus communis L.*), Pilriteiros (Pyrus pyraster Burgsd.), Piorno (*Genista florida L.*), Sanguinho (*Rhamnus frangula L.*), Silvas (várias espécies de *Rubus*), Urzes (várias espécies de *Erica* e *Calluna vulgaris Hull*).

6

O subtracto rasteiro (herbáceas, bolbosas, vivazes, rizomatosas, etc.) é constituído por mato: tojos (arnal, molar, de arranha-lobos e micranto), as silvas, as urgueiras (ericas, caluna, daboécia), o sargaço, várias gramíneas, juncos, fetos, abróteas, cravo do monte, carqueja, feto dos montes, erva sete sangrias, tuberárias, ranúnculos ou botão de ouro, giestas, normalmente brancas, várias bolbosas, especialmente *Scilla sp*., *Leucojum sp*., *Simethis sp*., *Crocus sp*., *Narcissus sp*., etc. (Costa, 2001: 58-59).

Em 2001 encontravam-se em situação de raridade: a Abrótea (*Asphodelus ramosus L*.), o Amieiro (*Alnus glutinosa L.*), a Angelica (*Angelicastrum L*.), o Arando (*Vaccinium myrtillus L*.), a Arnica (*Arnica montana L*.), o Azevinho (*Ilex aquifolium L.*), o Cárice de Brotero (*Carex broteriana G.Sampaio*), os Carvalhos (Quercus pyrenaica Willd e Quercus róbur L.), o Cedro de oregão (Chamaecyparis lawsoniana, Murray Parl.), o Cervum/Nardo (Nardus stricta L.), o Medronheiro (Arbutus unedo L.), o Freixo (Fraxinus augustifolia Vahl), o Galocrista (Rhinantus minor L.), o Junco (Juncus squarrosus L. e outros), as Orquídeas (Dactylorhiza elata. Pourr.), o Ossigrafo (Narthecium ossifragum Huds.), a Paridisea lusitânica. (P. Coutinho, G. Sampaio), o Piorno (*Genista florida L*.), os Salgueiros (*Salix atrocinerea Brot*., *S. Slavifolia Brot*.), a Saxígrafa (*Saxigrafa spathularis Brot.*), as Urzes/Urgueiras (*Erica tetralix L.* e outras), o Vidoeiro/Vido (*Betula celtibérica Rothm & Vas.*), a Violeta da água (*Viola palustris L. subsp. Juressi K. Wein, P. Cout.*) (Idem, ibidem: 60).

Gonçalves da Costa enumerou ainda, entre outras, as seguintes plantas medicinais que os brandeiros utilizavam para tratar as suas doenças: carqueja, urzes e urgueiras, violetas bravas, madressilva, feto macho, canabraz, seixebra, tormentelo, feno de cheiro, urtigas, milefólio, conchelos, calta, cidreira, Abrotea Ramosa e A. paniculada, macela ou mançanilha, sargaço, camomila, torga, erva de S. Roberto, giesta branca, tojos, pilriteiro, escalheiro, castanheiro, arroz dos telhados, pinheiro bravo, sabugueiro, silvas ou sarças, sobreiro, gramíneas, trevos, panasco, codesso, dedaleira, cravo do monte, boninas, azedas, anémona (Idem, ibidem).

A multiplicidade dos biótopos existente nesta zona contígua ao Parque da Peneda-Gerês, aliada a factores climáticos, explica a grande diversidade de espécies faunísticas. Segundo um relatório elaborado pelo ICN (Instituto da Conservação da Natureza), foram recenseados no Parque 235 espécies de vertebrados, dos quais 204 são protegidas ao nível nacional e internacional por convenções e legislação específica. Setenta e uma pertencem à lista de espécies ameaçadas do *Livro Vermelho de Vertebrados de Portugal* (ICN, 2000-2006).

"Relativamente à avifauna estão identificadas 147 espécies. A diversidade deste grupo varia consideravelmente ao longo do ano e entre diferentes habitats presentes no parque pelo facto de muitas destas espécies serem migradoras. Salientam-se pelo seu estatuto de conservação e / ou pela reduzida área de distribuição em Portugal a águia-real (*Aquila chrysaetus*), a gralha-de-bico-vermelho, (*Pyrrhocorax pyrrhocorax*), o bufo-real (*Bubo bubo*), o falcão-abelheiro (*Pernis apivorus*), o cartaxo-nortenho (*Saxicola rubetra*), a escrevedeira-amarela (*Emberiza citrinella*), o picanço-de-dorso-ruivo (*Lanius collurio*), e a narceja (*Gallinago gallinago*) (idem, ibidem)."

Ainda segundo o mesmo documento do ICN, "dos invertebrados, destacam-se, pela sua importância em termos de conservação, duas espécies de borboletas (*Euphydryas aurinia* e *Callimorpha quadripunctata*), um escaravelho (*Lucanus cervus*) e um gastrópode (*Geomalacus maculosus*). Espécies associadas aos cursos de água como a toupeira-de-água (*Galemys pyrenaicus*), a lontra (Lutra lutra), o melro-de-água (Cinculus cinculus), o lagarto-de-água (*Lacerta schereiberi*), a rã-ibérica (*Rana iberica*) e a salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitanica*) (idem, ibidem)."

7

A OCUPAÇÃO HUMANA

A humanização da paisagem do noroeste sempre esteve intimamente relacionada com o aproveitamento dos recursos naturais.

Os agregados implantaram-se em lugares propícios à pastorícia e à agricultura (fig. 6). A existência de água, a orientação em relação à exposição solar, o abrigo dos ventos e a proximidade de bosques para obtenção de lenhas, foram, entre outros, factores determinantes na escolha do "habitat".

O povoamento é concentrado (fig. 7) dispondo-se as casas em núcleos rodeados de campos de cultivo que assumem formas diferentes conforme o relevo do terreno: bouças e hortas, de regadio nas zonas baixas de aluvião; socalcos bordejando as curvas de nível na meia encosta; barbeitos e lameiros nas terras altas, onde se pratica uma agricultura de sequeiro produzindo o centeio, batata e se cria o feno para os animais estabulados no Inverno.

Existe uma particularidade no modo de vida das populações condicionado pelos ciclos agrários: a transumância e ocupação sazonal a diferentes cotas de altitude. Embora menos praticadas que no passado, ainda hoje, na primavera, dirigem-se para as 'brandas' de altitude onde fazem as sementeiras regressando depois às "inverneiras" e "lugares fixos", situados a cotas inferiores, onde residem. Outrora, a permanência nas "brandas" prolongava-se de Março a Dezembro pelo que as casas estavam dotadas de algum conforto e eram equipadas com a mobília trazida em carros de bois. Hoje, com a melhoria dos transportes e das estradas, o regresso às "inverneiras" e "lugares fixos" dá-se, quase sempre, ao fim do dia utilizando tractores e automóveis.

SANTO ANTÓNIO DE VALE DE POLDROS

História e vida do brandeiro

Nos séculos XII e XIII, Val de Poldros estava integrado na área dominial do Mosteiro de Fiães onde os monges exploravam propriedades por aforamento.

Bernardo Pintor encontrou no "Cartulário" monástico documentos datados dos séculos XII e XIII fazendo referência a foreiros de Aveleira e Val de Poldros citado como aldeia, pelo que, na sua opinião seria povoação fixa (Pintor, 1981: 20-21). Os monges cistercienses teriam aforado terras a pastores. No "Inventário" de 1834, que se encontra depositado no Arquivo Nacional da Torre do Tombo e no relativo aos rendimentos do couto do Mosteiro de Santa Maria de Fiães, a pastorícia figura como a principal origem dos foros em espécie (ANTT, 1834-P. B: 1-11).

Santo António de Vale de Poldros é referida, em 1320, "durante o reinado de D. Dinis, quando foram doadas terras desta branda ao capitão da Guarda Real, Paio Rodrigues Araújo, para a criação de gado cavalar."

A pastorícia terá sido, portanto, "a actividade económica inicialmente desenvolvida nestas paragens, sendo o topónimo Val de Poldros condicionado por esse passado remoto, pois a forma poldro ou poldra é a designação popular da cria da égua, em vez de potro termo mais corrente." (Cerqueira, 1997/1999: s/p). O pastor conduzia o gado para os prados e lameiros, alguns situados nas encostas (fig. 8) e onde a cobertura em erva era irrigada por um sistema de regos distribuindo a água em finas camadas uniformemente, de modo a evitar a erosão e mantendo sempre húmida toda a superfície.

Com o evoluir dos tempos, a população começou a reconhecer outras potencialidades à branda e a explorar os seus recursos, sobretudo durante a estação quente, já que no Inverno o clima era mais adverso.

"Até meados do nosso século, durante a época estival, mais propriamente entre Março e Setembro, era comum um membro de cada

8

família com propriedades na branda subir para aí pastorear o gado, utilizando na sua estadia a "cardenha" enquanto os restantes familiares ficavam atarefados com os trabalhos agrícolas." (Cerqueira, 1997/1999: s/p).

Por vezes descia sobre os montes espesso nevoeiro e o pastor para se orientar servia-se das "mariolas", ou também chamados de "castelinhos" (fig. 9), pequenos marcos sobre a forma de pirâmides em pedra seca que assinalavam o percurso até às pastagens (Sapo, 2022).

O pastor permanecia na "branda" durante dois dias, ocupando as "casas de brandeiros" ou as cardenhas que lhe oferecessem boas condições de habitabilidade.

9

"Na branda de Santo António, acabou por nascer uma aldeia constituída por dezenas de «cardenhas», onde se organizava, durante alguns meses no ano, uma comunidade rural formada por elementos de diferentes freguesias (Tangil, Riba de Mouro e Merufe).

…

Paralelamente ao pastoreio, desenvolveu-se uma agricultura de subsistência cujos principais produtos eram o centeio, a batata e o linho mourisco. A montanha fornecia a lenha e a carqueja para a lareira do brandeiro e o tojo necessário para a cama dos animais. Sempre que o trabalho exigia, os restantes membros da família e alguns vizinhos mais solidários deslocavam-se à branda por altura das sementeiras e das colheitas.

…

As batatas eram plantadas em Março ou Abril e colhidas em Setembro, pela Romaria da Senhora da Peneda. Parte dela permanecia na serra, juntamente com a semente, guardada em buracos isolados e apenas alguns quilos eram trazidos para a aldeia. Pelo São

7 | *Branda da Varziela..*

8 | *Santo António de Vale de Poldro (lameiros).*

9 | *Uma "mariola" ou "castelinho". © PNPG2020*

10

11

12

10-12 | *Santo António de Vale de Poldros (cardenha).*

13 | *Santo António de Vale de Poldros (cardenha). Pormenor de cornija.*

14 | *Santo António de Vale de Poldros. Entrada de cardenha.*

15 | *Cardenha com "bezerreira".*

16 | *Chozas no Vale de Jerte. Serra de El Torno. Alberjerte (Cáceres, Espanha)*

17 | *Castelo de Vide, chafurda (Oliveira* et al, *1988:f.154)*

18 | *Castelo de Vide, chafurda (corte). (Idem, idem: des. 37; 159)*

Bento eram organizadas as segadas do feno que implicavam o envolvimento de todo o clã familiar. Os homens iam para a serra e lá pernoitavam até que ainda de madrugada começavam a ceifar, e, só mais tarde, é que chegavam as mulheres com as crianças para estender o feno."

…

De Setembro a Maio, os terrenos ficavam em pousio e serviam de pasto para o gado, o qual era fundamental para o equilíbrio da estrutura familiar, pois os animais ajudavam no trabalho dos campos, no transporte de pessoas e mercadorias, forneciam o leite e procriavam, sendo a venda das crias um meio de subsistência para os brandeiros.

…

Por volta de 1950, devido à emigração, deu-se um envelhecimento progressivo da população e duas décadas mais tarde, a situação agravou-se com a florestação dos baldios tendo os brandeiros abandonado quase por completo este sistema de transumância." (Cerqueira,1997/1999: s/p).

A habitação

Na branda de Santo António de Vale de Poldros existem dois tipos principais de construção: as cardenhas e casas serranas.

Cardenhas

As cardenhas possuem planta quadrada ou rectangular e falsa cúpula. Os paramentos, em granito de grão grosseiro, são constituídos por blocos de pedra seca com escassilhos nos intervalos. A cobertura compõe-se de lajes sobrepostas, sendo recobertas por terra e tufos de vegetação (fig. 10). Em algumas cardenhas as lajes foram assentes muito justas assumindo a cobertura, por vezes, a forma tronco-cónica ou em pirâmide (fig. 11). A inclinação é acentuada com o propósito de fazer o escoamento rápido das águas pluviais e evitar a acumulação de neve que ocorre com frequência nestas paragens.

A cobertura organizava-se pelo processo de "estreitamento concêntrico de fiadas pétreas", ou seja, a partir do cimo dos paramentos da base sobrepunham-se lajes graníticas, com rude aparelhamento, em camadas circulares, colocadas paralelamente com ligeiro avanço umas das outras de modo a estreitarem cada vez mais o cume que se reduzia a uma pequena abertura coberta por uma laje revestida por torrões e vegetais (fig. 12).

A falsa cúpula

A transição entre a secção quadrada, rectangular ou circular das paredes e a "falsa cúpula" podia ser demarcada por fiada horizontal de lages formando cornija (fig. 13), mas esta nem sempre ficava bem definida exteriormente quando a cobertura era revestida com terra e vegetais. Estas construções possuem um ou dois pisos separados por pavimento em grandes lajes de pedra ou raramente em madeira assente em vigas e pilares. O destinado aos animais era térreo com cama vegetal e o piso superior, onde o brandeiro habitava, destacava-se pela sobriedade em conforto apenas dispondo do leito, lareira e algumas prateleiras ou aberturas na parede para colocação de pertences. A iluminação fazia-se por candeeiro a petróleo e candeias.

O acesso às duas entradas, delimitadas por ciclópicas padieiras e ombreiras (ou tranqueiras) faz-se por alguns degraus em grandes pedras em bruto ou toscamente aparelhadas (fig. 14). Não existem janelas ou quaisquer outros vãos para além das portas. Estas, em madeira, giravam por coucões cujas fendas e buracos ainda se vêem nas padieiras e soleiras de algumas casas. As cardenhas são, por vezes, delimitadas por muro oval baixo, em pedra seca, que encerra um espaço destinado a curral de animais – a "bezerreira" (fig. 15).

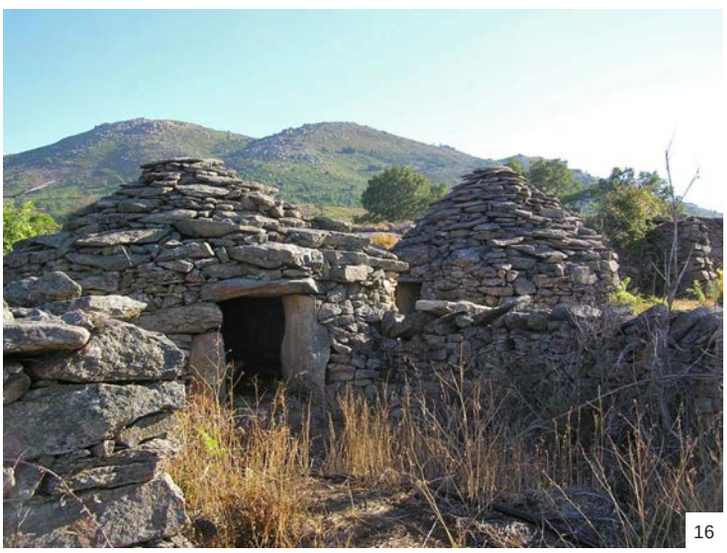
Os trabalhos para erguer estas construções deveriam ter sido executados por grupos com funções distintas: o que extraía a pedra das rochas, o do transporte até ao local da construção, o do desbaste do granito para formar blocos e lajes, o dos pedreiros que levantavam as paredes com conhecimento do processo de travamento implicando por vezes o emprego de juntouras e com prática de cobertura em falsa cúpula sendo o levantamento desta supervisionado por quem possuía o saber – fazer indispensável à sua execução de modo a ficar a descarregar sobre as paredes laterais.

A construção em falsa cúpula surge em outros pontos do Alto Minho (Arcos de Valdevez, Castro Laboreiro), no Centro (Beira) e no Sul do País no Alentejo (Oliveira et al, 1988: 145-174). Em Espanha, no Valle del Jerte (Cáceres) (fig. 16), e em Córdoba, constituem a cobertura das chozas e das barracas

13

14

15

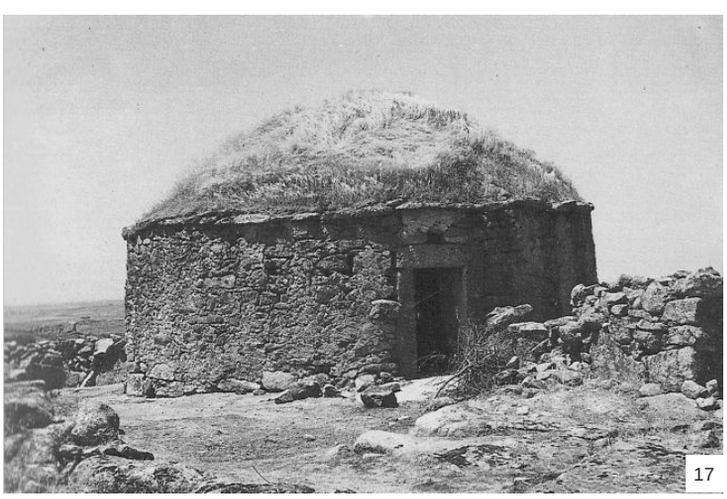

16

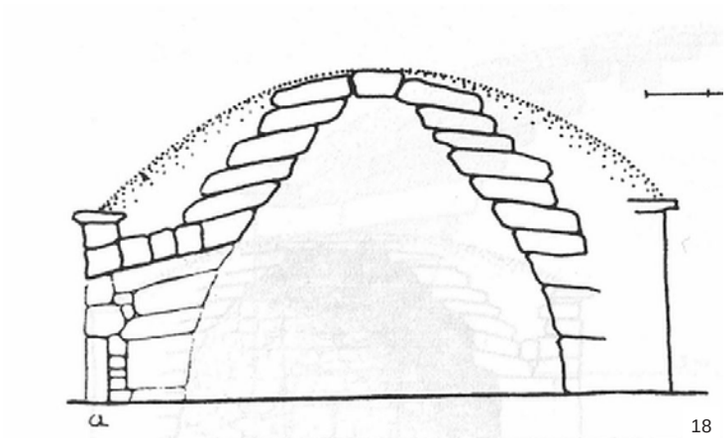
na Catalunha. Pela Europa espalham-se por países mediterrânicos (desde Marrocos à Grécia), centro e norte de França, Irlanda e Escócia (Catarino, 2013: 36, mapa fig. 1).

Com as chafurdas alentejanas, podem apontar-se similitudes e diferenças em relação às cardenhas. Nestas, o exterior da cobertura apresenta sobreposição de rudes lages estreitando-se até ao cimo e intervaladas de terra e vegetais. As chafurdas, também com planta quadrangular ou circular, são cobertas por espesso revestimento em terra formando calota esférica larga (fig. 17). Contudo, o seu interior é de igual modo revestido por lajes sobrepostas concentricamente em falsa cúpula partindo do piso (fig. 18) enquanto que nas cardenhas ela inicia-se no remate das paredes que pode assumir a forma de cornija mais ou menos pronunciada.

A origem histórica destas construções tem suscitado interpretações várias. Jorge Dias, em *Abrigos pastoris na Serra do Soajo*, refere ter encontrado na Portela do Mezio "grupos de habitações ciclópicas" com "casas de planta rectangular, construídas com grandes blocos bem encastelados mas pouco eficientes contra as intempéries. […] Estas casas fecham também em falsa abóbada, que quase toma uma forma piramidal…" (fig. 19) (Dias, 1949: 352).

O etnólogo considera pertencerem a uma branda utilizada por "aqueles a quem é confiado o gado que vai pastar para a serra e aí permanece uma temporada". Não datou as construções mas considerou-as "entre as formas mais arcaicas da construção e relacionam-se com as habitações primitivas do género humano." (Idem, ibidem: 354). Em outro artigo sobre as Choças de Cabeçudos, Jorge Dias enquadrou-as "na linha das construções circulares pré-célticas e de origem não indo-europeia." (Dias, 1948: 166). Ernesto Veiga de Oliveira, em *Construções primitivas em*


17



18

Portugal, alude que "a maioria dos autores considera o sistema de construção em falsa cúpula de grande antiguidade."

Cita André Varagnac, que "assinala o seu aparecimento já no IV milénio a.C., na cultura mesopotâmica de Arpachiya, em edifícios – templos, túmulos ou fortalezas – que podem entender como protótipos longínquos dos "*tholoi*" do Egeu. De facto, ele apresenta-se hoje historicamente como um aspecto do fenómeno geral do megalitismo ocidental, o qual a partir, do Próximo Oriente, seguiria a mais das vezes as direcções da expansão neolítica, em jorros de longo alcance que acompanharam certas fases da difusão do cobre, e que em grande parte se processa pelas vias marítimas: Mediterrâneo, Atlântico e Mar do Norte» (Oliveira et al, 1988: 183).

Fernando Cerqueira Barros, em dissertação apresentada na Faculdade de Arquitectura do Porto, sustenta que "os mais antigos vestígios que nos apontam para a existência deste tipo de construções remontam ao período castrejo" e fundamenta essa conclusão com o exemplo de um "abrigo de animais" do Castro de São. Miguel-o-Anjo, estudado pelo arqueólogo Félix Alves Pereira (Barros, 2010-2011: 225).

A origem castreja poderá ter fundamento atendendo à contribuição da "civilização da pedra" (meados do século V a.C. ao século II d.C.) em muitos testemunhos de arquitectura existentes nos povoados fortificados ("castros") do noroeste peninsular.

Segundo Guy-Roland Galy, "a falsa cúpula com mísulas aparece na Idade do Ferro nos *oppida* do sul do Mediterrâneo. É assim que vários autores concordam em atribuir aos celtas os estábulos de pequenas dimensões que se apoiam nos recintos de pedra seca da Baixa Provença." (Galy, 1964: 57-69).

Mais recentemente, Manuel C. Teixeira afirmou que "a falsa cúpula não deve ser tomada como produto da evolução dolménica em paragens ocidentais, porquanto esse elemento aparece apenas num dado ciclo da vida primitiva e em determinados centros – alguns muito afastados e de difusão restrita – tudo levando a crer que se trata de uma importação, tanto mais que o sistema do arco e da abóbada de avançamento se emprega no Oriente desde remota idade." (Teixeira, 2016: 54).

Em nosso entender, as cardenhas de Santo António de Vale de Poldros representam um estádio da evolução no erguer de construções em pedra seca no Alto Minho que se teria iniciado no Megalitismo com os dolmens e mamoas, podendo existirem pela serra alguns abrigos de pastores datados daquele período por denunciarem carácter ciclópico e um saber construir rudimentar.

Desconhece-se em que época e culturas se verificou o aperfeiçoamento na arquitectura das cardenhas, sobretudo com o alteamento das construções (fig. 19). Só com a realização de escavações arqueológicas nas cardenhas se poderão obter conclusões.

Casas serranas

As casas serranas desta branda possuem planta rectangular e dois pisos, paredes em alvenaria de pedra seca e aparelho irregular, embora existam algumas em perpianho. As coberturas têm duas águas com forte inclinação e revestidas a telha marselha ou de meia cana, depois de terem sido, em tempos, cobertas a colmo preso no capeado das empenas (fig. 21). Como vãos dispõem de algumas pequenas janelas, a porta da corte dos animais no piso térreo, a entrada no piso sobradado para a qual se acede por alguns degraus ou por rude escadaria em pedra frontal ou adossada à parede da fachada. A chaminé não existe saindo os fumos da lareira pelas telhas não havendo forro. Os paramentos em pedra aparelhada possuem cunhais bem definidos, o que contrasta com os das cardenhas, que se compõem de blocos de pedra seca sobrepostos e intervalados por escassilhos (fig. 22).

A divisão do espaço interior compreende no piso térreo a corte do gado e no piso superior a habitação do brandeiro com pavimento em tabuado e dois compartimentos: a cozinha com lareira e o quarto.

A BRANDA DA AVELEIRA

A Aveleira foi branda de Gave com transumância já referida nas Inquirições pelos "foros cedidos na serra" (fig. 23). José Rodrigues Lima, no início da década de 90 do século XX, ainda podia constatar o viver do brandeiro: "Ainda o dia vem longe e ele, meio estremunhado, solta o gado para o monte que fica adjacente. Enquanto os animais vão retouçando as marrafas de erva que encontram por entre o tojo agreste, até que a mosca e o calor os atacam, obrigando-os a regressar aos cortelhos, o brandeiro vai segar a erva dos arredores dos lameiros para deitar ao gado enquanto permanece na corte". O mesmo antropólogo teve também oportunidade de ver no interior das cardenhas: "a lareira, as trempes, a gamela, a chicolateira, o corno, as gadanhas, o mascoto, o ripanço, o arado de pau, a grade, utensílios de pesca e outros testemunhos de vivências diferentes e singulares". Dos brandeiros com quem conversou ouviu-os falar de "labores feitos com lugões, couçoeira, tarambelho, bezerreira, e de sustos quando o gado se tresmalha". Soube do que comiam: "Água de unto ao pequeno almoço; caldo de farinha; batatas partidas a meio, descascadas depois de cozer e servidas num prato (vinagre, azeite, cebo); ou com postas de bacalhau; sopas ou caldo de leite." (Lima et al, 2001).

A José Rodrigues Lima se deveu também o impulso para a realização anual do Dia do Brandeiro no primeiro sábado de Agosto. Iniciou-se a 7 de Setembro de 1996, dia em que foi apresentada a *Declaração Patrimonial Sto. António de Vale de Poldros e Aveleira*, que subscrevemos, propondo para estas brandas a classificação de "paisagem protegida".

Defendia-se:
– A florestação equilibrada com espécies autóctones e protegidas, como o carvalho, o vidoeiro, o castanheiro, o azevinho e outros;
– A criação de um eco-museu em que as cardenhas ocupem um lugar de destaque;
– Promover a educação patrimonial na perspectiva das Classes Europeias do Património, do Conselho da Europa e de acordo com o

19 | *Abrigo pastoril na serra do Soajo. © NPG-Web*

20 | *Santo António de Vale de Poldros (cardenha).*

19

20

projecto inter-regional intitulado "A participação dos jovens na preservação e promoção do Património Mundial", lançado pela Unesco em 1994;
– Aproveitar as brandas para o turismo serrano e cultural, mas moderado". (fig. 24) (Lima et al, 2001).

A conservação

Da *Declaração Patrimonial Sto. António de Vale de Poldros e Aveleira*, o que se realizou? Em 2007, estivemos em Santo António de Vale de Poldros e na Aveleira a efectuar trabalhos de inventariação no seguimento da aprovação da nossa candidatura ao Concurso de Ideias lançado pela Câmara Municipal de Melgaço no âmbito do projecto Vale do Minho Digital. Verificamos que a intervenção efectuada em algumas das casas serranas havia contribuído para a perda da rusticidade que lhe era própria. Notava-se isso sobretudo no emprego, nas paredes exteriores, de pedra facetada quando antes existiam blocos de granito em bruto só com leve desbaste pelo pico do canteiro e com as juntas preenchidas por "escassilhos". Este tipo de aparelho podia ser mantido com o interior suficientemente rebocado a argamassa de cal com emulsão betuminosa acrílica.

A introdução de acrescentos e entradas alpendradas; a privatização dos espaços adjacentes às casas por vedações de modelos não conformes com as tradicionais; a colocação de chaminés de variada tipologia e desenho; a destruição de cápeas, são, entre outros, exemplos de más práticas na reabilitação deste património vernacular. Em Santo António de Vale de Poldros, e pela mesma altura, verificámos que as cardenhas estavam em acentuada degradação e que as casas dos brandeiros necessitavam de obras de conservação (A.C.E.R., 2007-Webgrafia). Não voltamos a estas brandas desde aquela data.

Entretanto, ocorreram intervenções para satisfazer a procura externa para segunda habitação que contribuíram para "um acelerado processo de descaracterização", havendo também património construído "abandonado

21

e em ruínas" (Teixeira, 2016: 178). Para Sílvia Catarino, "observou-se a existência de novas apostas junto ao conjunto pré-existente, umas como habitação permanente e outras sazonais, embora, em muitos dos casos, o revestimento não é adequado e a volumetria exagerada. Podemos afirmar que existem edifícios esteticamente desqualificados e descaracterizados, recentemente implantados, junto a estes imóveis de interesse público, denunciando a necessidade de um maior planeamento e consequente qualificação da área." (Catarino, 2013).

No Colóquio sobre Arquitectura Popular realizado em Arcos de Valdevez no ano de 2016, Nelson Azevedo, referindo-se à *Declaração Patrimonial de Santo António Val de Poldros e Aveleira*, aprovada no Dia do Brandeiro de 7 de Setembro de 1996, exprimiu-se assim: "Hoje e volvidos 20 anos desse momento seminal que parecia unir os destinos de ambas as brandas, a Branda de Santo António não desfruta de nenhum regime especial de protecção nem tampouco de plano de urbanismo dedicado. Em consequência, no decurso dos últimos anos assistiu-se à reconstrução das cardenhas feita de modo ad hoc resultando numa profusão de materiais, tipologias e volumetrias que pouco ou nada têm que ver com as toscas construções de dois andares e em falsa cúpula." Sobre a Aveleira afirmou: "Da Branda original pouco ou nada resta e a recuperação feita não conseguiu ser um elemento diferenciador tanto mais que apagou a memória das cardenhas e dos brandeiros." Da sua comunicação, entre outros exemplos de modelos de revitalização de aldeias abandonadas e de salvaguarda das construções vernáculas do tipo das cardenhas existentes no Noroeste peninsular, salientamos o das "brañas" da serra de Somiedo (Asturias). "Funcionam como um prolongamento das aldeias e encerram em si uma curiosidade geoantropológica: estão associados a um grupo étnico típico das Astúrias, os denominados vaqueros de alzada, que são criadores de gado que ainda se deslocam em família para as zonas altas das montanhas e fazem os movimentos pendulares de subida e descida ao ritmo da natureza. De Maio a Setembro aproveitam os pastos feitos para criar o gado, a sua principal fonte de rendimento, vivendo o resto do ano nos xaldos, i.e., denominação que remonta à Idade Média para as aldeias agrícolas nos sopés das montanhas." Acrescenta: "Estas brañas – que em determinados lugares destas regiões montanhosas assumem o nome de casas vividoras – são os exemplos melhor conservados, uma vez que ainda mantêm a sua função original." (Azevedo, 2016).

O arquitecto Manuel C. Teixeira considerou que "as principais ameaças são, por um lado, a progressiva degradação das estruturas tradicionais ainda existentes e, por outro lado, a sua remodelação ou a construção de novas edificações, a maior parte delas segundas habitações ligadas a actividades de lazer, segundo critérios que não se harmonizam com o conjunto." Referindo as anomalias, salienta: "São comuns a construção de volumetrias excessivas, a adopção de modelos estranhos à cultura arquitectónica de Vale de Poldros, ou de supostamente rústicas mas de diferentes origens, a introdução de novos materiais ou a utilização de materiais tradicionais como simples revestimento, a decoração da arquitectura em vez da austeridade que caracterizava as cardenhas, as soluções de fachada construtivamente falsas." (Azevedo, 2016).

CONCLUSÃO

A UNESCO define os Sítios como "obras do Homem ou obras conjugadas do Homem e Natureza, assim como as zonas que encerram sítios arqueológicos que têm um valor universal excepcional sob o ponto de vista histórico, estético, etnológico ou antropológico." As paisagens culturais são também para aquele organismo "obras combinadas da Natureza e do Homem", mas que ilustram a evolução da sociedade e da ocupação humana ao longo dos tempos", ou seja, "paisagens vivas conservando um papel activo na sociedade contemporânea associado ao longo dos tempos e no qual o processo evolutivo continua." […] "Integram-se nesta categoria as nossas paisagens agrárias com as aldeias concentradas rodeadas de campos de cultivo ou disseminadas em casais pelas várzeas. Nelas são patentes factores civilizacionais que influíram e continuam a influir na organização da economia e da sociedade com reflexos na cultura popular ao nível da arquitectura, da religiosidade, dos usos e costumes, das festas." […] A crescente revalorização do

21 | *Santo António de Vale de Poldros (casa de brandeiro).*

22 | *Santo António de Vale de Poldros (cunhal de casa de brandeiro).*

espaço rural pela diferença que oferece aos urbanos é mais que suficiente para comprovar que a dualidade cidade-campo continua a existir embora com contornos diferentes. Coloca-se então a questão: Como controlar o processo de reurbanização pelo lazer? Ou por outras palavras: Queremos aldeias turísticas ou aldeias com turismo?" (Leite, 2002).

Nas "Conferências de Lisboa – Ambiente e Mundo Rural", de 1987, adoptou-se a seguinte resolução: "Os habitantes locais deverão ser, na medida do possível, associados às politicas de desenvolvimento relacionadas com a exploração turística da sua região devendo-se encorajar o desenvolvimento de projectos de ordenamento local." (INA, 1987).

Em 2020, a 12 de Fevereiro, realizou-se na freguesia de Parada uma sessão descentralizada da Câmara Municipal de Monção, sob a presidência de António José Fernandes Barbosa, na qual se aprovou a elaboração do Plano de Pormenor e Salvaguarda de Santo António de Vale de Poldros, preconizando "a conservação e valorização de todos os edifícios e espaços públicos". O *Diário da República* n.º 209, de 20 de Outubro do mesmo ano, publicou o Edital do Município n.º 1155/2020, fixando um prazo de 210 dias para conclusão do plano e abriu um período de consulta pública de 15 dias que terminaria em 17 de Novembro. Informava-se ainda de que havia sido dispensada avaliação ambiental estratégica juntando os respectivos fundamentos dessa decisão (DR-2.ª,209/2020: 389). Nos "Termos de Referência" a que obedeceria o plano propunha-se:

• Promover a programação estruturada do aglomerado urbano e contenção do fenómeno de construção dispersa e diversa;

• Promover a edificabilidade no espaço segundo critérios de sustentabilidade, dimensão e conexão com desenvolvimento definido;

• Promover o incentivo à reconstrução e à reabilitação de edifícios, em detrimento de construção nova".

Sob o ponto de vista económico, apenas se referiam como objectivos:

• Promover e contribuir para o ordenamento de atividades turísticas, desportivas e recreativas nomeadamente com a criação de um centro *Walking & Cycling*, de implementação já prevista;

• Criar uma rede de trilhos/percursos que contribuam para a preservação e conservação do património natural e humano, promovendo a animação rural e ambiental (CMM-DPOP/2020).

Estabelecemos contacto com o município de Monção e Divisão de Planeamento e Obras Públicas no sentido de sabermos se o Plano já teria sido publicado. Como não obtivemos resposta, consultamos a *PCGT – Plataforma colaborativa de Gestão Territorial da Direcção Geral do Território*. Dela e na "Gestão do Processo", deduz-se quanto ao de Santo António de Vale de Poldros (P.º 580-Ex-476), não ter ainda sido efectuado o contrato de planeamento e como documentos enviados em 2020 pela autarquia são referidos: relatório da fundamentação da dispensa da avaliação ambiental, o extracto da deliberação na reunião de 12 de Fevereiro, os termos de referência e o edital. Como situação do processo informava-se que estava em "fase de elaboração" e que a RAN – Reserva Agrícola Nacional de Santo António de Vale de Poldros estava a ser "redelimitada".

Por e-mail, contactámos a Direcção Geral do Território no sentido de se saber se os dados que havíamos recolhido da plataforma estavam actualizados. Pela PCGT– Área Cidadania, a DGT confirmou a situação de "em elaboração" do Plano de Pormenor e de apenas ter sido publicado no Diário da República "o acto de início de elaboração do Plano de Pormenor e não o acto de início da discussão pública". Constatamos assim que o conjunto de construções em falsa cúpula de Santo António de Vale de Poldros não foi alvo da protecção devida e as intervenções realizadas contribuíram para a sua lenta descaracterização que a acentuar-se causará a perda do seu valor antropológico e etnográfico como o de serem testemunhos de um saber construir com a utilização de técnicas ancestrais e o emprego de materiais locais. Acresce a situação da não entrada em vigor do Plano de Pormenor o que não dá garantias de se evitar surgirem novas construções desinseridas do contexto arquitectónico envolvente. Entendemos que a ausência, durante muitas décadas, de uma estratégia de desenvolvimento sócio-económico para as comunidades

23

23 | *Branda da Aveleira.*

24 | *Branda da Aveleira. Construção murária em pedra seca e cancela em madeira.*

25 | *Branda da Aveleira (espaço agrário).*

agro-pastoris de Santo António de Vale de Poldros e Aveleira conduziu ao abandono das cardenhas e casas de brandeiros.

2026 foi proclamado pela Assembleia Geral das Nações Unidas como "Ano Internacional da pastorícia e das pastagens", intenção que a União Europeia considera "vital para se alcançarem os objectivos em matéria de ambiente, de clima e de protecção da biodiversidade no quadro do pacto verde para a Europa, assim como para a coesão territorial inscrita no tratado de Lisboa de 2009" (FAO Bol. 2023) onde foi considerada "uma terceira dimensão na redução das disparidades entre as regiões da União Europeia" (CE-site web).

Santo António de Vale de Poldros e Aveleira possuem um território onde a pastorícia tem excelentes condições naturais para ser praticada. Os prados e lameiros de ambas as brandas ainda são utilizados por alguns pastores residentes em Gave e Riba de Mouro (fig. 25).

Se pretenderem ficar alguns dias poderão alojar-se em casas de arquitectura serrana existentes em ambas as brandas, pois nem todas as construções vagas poderão estar a servir de habitação a segundos residentes ou turistas. Algumas necessitam certamente de ser alvo de obras de conservação e os seus interiores dotados de conforto e condições de salubridade. Intervenções estas que deverão ser realizadas com boas práticas salvaguardando o saber construir vernáculo e financiadas a fundo perdido no quadro de um plano de desenvolvimento local integrado sustentável.

E ainda deveria ser efectuada a classificação de Paisagem Protegida para a zona Aveleira-Santo António de Vale de Poldros com florestação por espécies autóctones como o carvalho, o vidoeiro, o castanheiro, o azevinho e outras, proposta no Dia do Brandeiro de 7 de Setembro de 1996. A que acrescentamos a classificação de Conjunto de Interesse Nacional para as cardenhas ainda não intervencionadas, o que pressupõe a sua prévia inventariação e serem alvo de acções de reabilitação/conservação com boas práticas implementadas pelas autarquias com orientação de técnicos e trabalhadores possuindo o saber-fazer tradicional. Para isso, sugerimos a sua prévia aquisição por receitas municipais e/ou fundos comunitários.

Propomos que sejam integradas em Rotas do Património Vernáculo da Peneda, constituídas por percursos pedonais ou a cavalo, que poderiam abranger os caminhos da transumância onde ainda se encontram abrigos de pastores também carecidos de protecção. Seriam desenvolvidas por Associações de Defesa do Património com guias orientadores, dominando Francês e Inglês, habilitados no conhecimento do valor etnológico e arquitectónico das construções e que, ao mesmo tempo, pudessem esclarecer os participantes sobre a importância da envolvente natural.

Por último, não se deverá esquecer quem, entre outros, tem dado carácter identitário às brandas: o pastor.

Nos dias de hoje já não se podem aceitar condições para exercer a actividade que o colocavam em «pobreza e dependência» nas palavras de Brian Juan O'Neill (Neill, 1984: 105, cit. por Martinho,1993: 55).

Situação que conduziu ao seu cada vez menor número depois de se ter verificado ao longo do Séc. XX à «perda de pastagens por modificação da ocupação e uso da terra» da qual resultou que «os pastores remanescentes foram propulsionados a uma situação de precaridade e vulnerabilidade social» (Rego, Júlio Sá e Marina Castro, 2019: 228).

São necessários projectos que procurem "promover a utilidade social do pastor e da pastorícia" (Idem, ibidem). Estamos certos de que a sustentabilidade das acções a empreender muito terão a beneficiar do espírito de entreajuda e reciprocidade que desde várias gerações têm presidido na execução das tarefas da comunidade de brandeiros. ■

24

25

FONTES

Arquivos

ANTT. Inventários de 1834, pasta B, Santa Maria de Fiães, n.º 1539, 1-11.

Bibliografia

Barros, F. C. (2011). Construção do Território e Arquitectura na Serra da Peneda. Padrão (Sistelo) e as suas brandas – um caso de estudo [Dissertação de mestrado, FAUP, Universidade do Porto). Repositório da UP https://repositorio-aberto.up.pt/handle/10216/150098.

Catarino, S. P. V. (2013). Abrigos de pedra seca. Arquitectura Vernacular de Santo António de Vale de Poldros [Tese de Mestre. Universidade Lusíada. Porto].

Cerqueira, A. P. da S. (coord.) (1997/1999). Branda de Santo António de Vale de Poldros. Um Património a preservar. Ed. Escola Secundária de Monção, Monção,

Costa, J. G. da (2001). Errância dos Homens com os elementos da Natureza (Terra, Água e Fogo). *Olhares Multidisciplinares. Branda da Aveleira. Gave. Melgaço*. Câmara Municipal de Melgaço.

Coudé-Gaussen, G. (1981). Les Serras de Peneda et du Gerês. Étude Géomorphologique. *Memórias do Centro de Estudos Geográficos*, n.º 5.

Criado, A. M. (2021). Construcciones de falsa cúpula de planta rectangular. parideras, cuadras y caseta. *Revista de Folklore*, n.º 274.

Dias, J. (1949). Abrigos pastoris na Serra do Soajo. *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, vol.12(3-4). https://ojs.letras.up.pt/index.php/tae/article/view/8600.

Dias, J. (1948). Las chozas de los Cabeçudos y las construcciones circulares de las citanias españolas y portuguesas. Contribución etnográfica para la reconstrucción de la vida en las citanias. Archivo Español de Arqueologia, vol. 21 (71).

Galy-Roland, G. (1964). L'habitat en pierres sèches. Essai de metodologia. Bulletin de l'Association de géographes français, n.° 328-329 (41).

Geraldes, A. D. (1996). Brandas e Inverneiras. Particularidades do sistema agro-pastoril crastejo. *Cadernos Juriz/Xurés*, n.º 2.

INA (1987). *Conferências de Lisboa – Ambiente e Mundo Rural*. INA

Leite, A. (2002). A Conservação do Património e o Desenvolvimento Rural. *Boletim Cultural da Câmara Municipal de Melgaço*, n.º 1.

Lima, J. R. (2001). Aspectos geoantropológicos. *Olhares Multidisciplinares. Branda da Aveleira. Gave. Melgaço*. Câmara Municipal de Melgaço.

Martinho, A. (1993). O pastoreio em Portugal. Subsídios para o seu estudo. *Gestão e Desenvolvimento*, 2.

Oliveira. E. V. de; Galhano, F.; Pereira, B. (1998). Construções Primitivas em Portugal. *Colecção 'Portugal de Perto'*, n.º 17, Publicações D. Quixote.

Pintor, B. (1981). Por terras do Soajo. *«Terras de Valdevez». Boletim Cultural da Câmara Municipal de Arcos de Valdevez*, n.º 2.

Ramos, J. M. F.; Moreira, A. D. (2001). Vestígios de Glaciares na Serra da Peneda. Percurso da Branda da Aveleira (Gave-Melgaço). *Olhares Multidisciplinares. Branda da Aveleira-Gave/Melgaço*. C. M. de Melgaço,

Rego, J. S.; Castro, M. (2019, dezembro, 5-7). *Paisagens culturais. Heranças e desafios no Território* [Comunicação]. VIII Congresso de Estudos Rurais & VIII Encontro Rural, Ponte de Lima e Sistelo. https://bibliotecadigital. ipb.pt/bitstre-am/10198/26148/4/SA-REGO_e_ CASTRO_2019.pdf

Teixiera, M. C 82016). *Santo António de Vale de Poldros*. C. M. de Monção.

UNESCO (1994). Orientations devant guider la mise em ouevre e la Convention du patrimoine mondial.

Webgrafia

A.C.E.R. Projecto Vale do Minho. Espaço, Memória e Identidade. Fichas caracterizadoras acessíveis por: https://www.emi.acer-pt.org/pesquisanominativa/ 370-melgao/castro-laboreiro/663-brandas-e-inverneiras; https://www. emi. acer-pt.org/pesquisa-nominativa/371-melgao/gave/689-stio-da-aveleira; https:// www.emi.acer-pt.org/pesquisa-nominativa/420-mono/riba-de-mouro/466-conjunto-da-branda-de-santo-antnio-de-vale-de-poldros.

Asociación de Turismo Valle del Jerte. Construcciones rurales Y Arquitectura Vernácula. In https://vallecereza.com/valle-de-jerte/ construccion es-rurales-y-arquitectura-vernacula/.

Azevedo, N. F. G. O potencial turístico da Branda de Santo António Val de Poldros. In https://issuu.com/nelsonazevedo/docs/have_a_break-_texto_col__quio_-_ver_85ba238389e2ac.

Câmara Municipal de Monção/Divisão de Planeamento e Obras Públicas. Termos de referência para elaboração do Plano de Pormenor de Salvaguarda de Santo António de Vale de Poldros. https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/01_termos_referencia_0.pdf.

Câmara Municipal de Monção. (2020). Edital 1155/2020. Diário da República, n.º 209/2020. https://files. dre. pt/2s/2020/10/ 209000000/0038900390.pdf.

CE (2019). *Dez anos desde o Tratado de Lisboa: que progressos foram feitos ao nível da coesão territorial na UE?* https://ec.europa.eu/regional_policy/pt/newsroom/news/2019/12/12-01-2019-10-years--since-the-lisbon-treaty-what-progress-for-territorial-cohesion-in-the-eu.

Chozas de Córdoba. La falsa cúpula_.pdf

FAO223 BOL. L'Assemblée générale des Nations Unies proclame l'année 2026 Année internationale du pastoralisme et des pâturages. https://www.fao.org/newsroom/detail/un-names-2026-as-the--international-year-of-rangelands-and-pastoralists/fr?utm_source=twitter&utm_medium=social%2Bmedia&utm_campaign=faoenfrancais.

ICN. Turismo da Natureza. Enquadramento estratégico do Parque Nacional da Peneda Gerês (2000-2006). http://portal.icnb.pt/ICNPortal/vPT2007/O+ICNB/Turismo+de+Natureza/.

Plataforma colaborativa de Gestão Territorial da Direcção Geral do Território (PCGT). https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/01_ termos_referencia_0.pdf

https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/lista-procedimentos.

https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/sites/default/files/01_termos_referencia_0.pdf

https://pcgt.dgterritorio.gov.pt/lista-procedimentos.

Parque Natural Peneda-Gerês (PNPG). (2020). *O Gado e a Serra*. https://pnpgeres.pt/2020/01/13/o-gado-e-a-serra/.

Parque Natural Peneda-Gerês (PNPG). Abrigos pastoris. https://pnpgeres. pt/2019/12/15/abrigos-pastoris/.

SAPO 24. (2022). *Sinalética centenária de pastores, as mariolas guiam caminheiros pela Peneda Gerês*.

UNESCO – Orientations devant guider la mise em ouevre e la Convention du patrimoine mondial, Fev. 1994.In file:///C:/Users/acerg/Desktop/UNESCO,%201994.pdf.